

Cotidiano e moral ourinhense: análise do jornal *A Voz do Povo* entre 1927 e 1932

Daily life and moral in Ourinhos: analysis of the newspaper A Voz do Povo between 1927 and 1932

JOHNNY LUCAS BORGES ARAUJO^a

FABIANA LOPES DA CUNHA^b

^a Professor de Educação Básica II da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.
E-mail: jborgesaraujo@gmail.com

^b Professora da Universidade Estadual Paulista, campus de Ourinhos.
E-mail: fabiana@ourinhos.unesp.com

Jornais são testemunhas dos seus tempos de produção. Neles encontramos fatos cotidianos, interditos, regras sociais, personagens ilustres, orientações políticas, aspirações e ideais. Este trabalho tem como finalidade preservar e difundir parte das memórias da cidade de Ourinhos (SP) a partir da análise e organização dos registros produzidos pelo periódico *A Voz do Povo* entre os anos de 1927 e 1932. Sendo o único preservado da época, é de suma importância para recuperar a História do e no lugar. Este trabalho é, portanto, um desdobramento de um anterior, “Tecendo memórias: a organização e inserção da *A Voz do Povo* no Centro de Documentação e Memória de Ourinhos”, financiado pela Fapesp, no caráter de iniciação científica.

Palavras-chave: história, jornais, memória, patrimônio.

Newspapers are witnesses of their times of production. In them we find everyday facts, interdicts, social rules, illustrious characters, political orientations, aspirations, and ideals. This paper aims to preserve and spread some of the memories of Ourinhos city (São Paulo, Brazil) by analyzing and organizing records produced by the newspaper *A Voz do Povo*, between the years of 1927 and 1932. Being the only preserved of the time, it is of paramount importance to recover the history of and in place. This work is an offshoot of an earlier one: “Tecendo memórias: a organização e inserção da *A Voz do Povo* no Centro de Documentação e Memória de Ourinhos”, a scientific initiation research funded by Fapesp.

Keywords: history, newspaper, memory, patrimony.

INTRODUÇÃO

A memória não é sonho, é trabalho
Ecléa Bosi

Até a década de 1970, havia no Brasil um pequeno número de trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da História nacional. O pensamento vigente era que o pesquisador deveria utilizar fontes seguras, objetivas e neutras, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo.¹ Assim sendo, os jornais se tornavam pouco adequados, visto que continham registros particulares do presente, produzidos sob diversos jogos de interesses. “Em vez de captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, subjetivas e distorcidas” (LUCA, 2006, p. 112).

Contudo, tal imagem sofreu uma transformação após as discussões trazidas pela História Nova, corrente historiográfica que apresentava uma preocupação maior com a questão social e cultural. Essa nova concepção de História apontava novos objetos, métodos e abordagens, deixando as concepções formadas pelo viés marxista mais tradicional ligeiramente de lado. Nesse período (década de 1970), até mesmo tal viés sofreu uma revisão, que via a cultura como parte da superestrutura (forma de dominação no sentido ideológico e institucional como o direito, religião e Estado Moderno, por exemplo) e com ínfimo reflexo da infraestrutura (a base material das relações de produção entre homem e natureza e homem e homem, como a relação proprietário e proletariado), sendo assim, como domínio das elites.

Em meio a esta revisão de paradigmas, a historiografia brasileira também começou a gestar mudanças. Ana Maria de Almeida Camargo (1971), em um texto pioneiro, após reiterar as armadilhas reservadas pela imprensa, defendeu as possibilidades ensejadas pelos jornais que ela mesma se propôs a evidenciar, partindo dos trabalhos que até aquele momento (final dos anos 1960) haviam se valido dessas fontes. Gilberto Freyre (1940; 1963), ainda segundo Luca (2006), foi o primeiro a usar o jornal como fonte de pesquisa, estudando os diversos aspectos da sociedade brasileira do século XIX através de seus anúncios. Vários pesquisadores também começaram a se amparar em informações nos periódicos

como Fernando Henrique Cardoso, Emília Viotti da Costa, entre outros (LUCA, 2006) para obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, sempre com postura e resultados muito distantes da tão temida ingenuidade.

No momento em que o jornal se tornava um objeto da História, Nelson Werneck Sodré (1966) apresentou um trabalho que abordava a História da imprensa brasileira desde seus primórdios até os anos 1960. Outro trabalho de grande importância é a tese de doutoramento de Arnaldo Contier, *Imprensa e ideologia em São Paulo* (1973), que utilizou semântica e linguística para estudar o vocabulário político-social presente em um conjunto de jornais publicados entre o fim do Primeiro Reinado e o início da Regência (1827-1835) a fim de identificar os matizes da ideologia dominante num momento de disputa pelo controle dos quadros políticos e burocráticos na nação há pouco independente.

A imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidos em outras épocas. (CAPELATO, 1988, p. 25).

Como maneira para se compreender o passado, nasceu a questão da memória coletiva vinculada a um novo conceito dentro da História, o das “mentalidades” (VOVELLE, 1987). Não entraremos nessa discussão, mas é preciso definir o que entendemos por memória, que implica em um registro (mesmo que seja em nosso corpo) e é primordialmente seletiva. Ela reúne os saberes, as experiências, as emoções etc. vividos e que, por alguma razão, elegemos para serem guardados. Todavia, Maurice Halbwachs nas décadas de 1920 e 1930, já havia dito que a memória não deve ser entendida apenas como um fenômeno individual, mas sim, social ou coletivo, ou seja, como algo construído coletivamente e susceptível a transformações e mudanças constantes.

O sentido de memória coletiva foi trabalhado por Halbwachs em seu livro “Os quadros sociais da memória” (1925) em que discute as teorias do filósofo Henri Bergson sobre a dupla memória. Esta se divide em: memória como esforço de devolução do passado e a memória pura, que surge por acaso, sem que possamos forçá-la,

¹ “Tal culto à objetividade tem seu início no século XIX, quando os documentos eram considerados como templos dos fatos” (CAPELATO, 1988, p. 22).

mas que nos restitui o passado na sua integralidade com seus ambientes. Ecléa Bosi explica o conceito de Bergson da seguinte forma:

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A memória pura seria a imagem presente nos sonhos. (BOSI, 1994, p. 53).

Diante desta visão da memória, especificamente individual, Halbwachs propõe a existência de outra memória, a coletiva, pertencente a um grupo ou comunidade. Esta memória coletiva é fruto de uma reconstrução racional do passado. Distante de observar nessa memória coletiva uma imposição ou uma forma específica de dominação ou violência simbólica, ele acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a solidariedade, este conceito do sentido durkheimiano de vínculo entre os indivíduos do corpo social.

Le Goff nos explica da seguinte forma:

Fenômeno individual e psicológico (cf. soma/psiche), a memória liga-se também à vida social (cf. sociedade). Esta varia em função da presença ou da ausência de escrita (cf. oral/escrito), e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/presente), produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história (cf. filologia), acumular objetos (coleção/objeto). A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social (cf. espaço social) e político (cf. política): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos (cf. imaginação social, imagem, texto), que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (cf. ciclo, gerações, tempo, temporalidade). (LE GOFF, 2003, p. 419).

A memória é fundamental a um grupo porque está ligada à construção de sua identidade. É fruto de um trabalho de seleção e organização do que é vital para o sentido de pertencimento, continuidade, unidade e, assim sendo, identidade.

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em relação aos critérios de aceitabilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que a memória e identidade podem

perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou grupo. (POLLAK, 1992, p. 5).

Tal identidade está intimamente ligada à cultura, que, segundo Claval (2005, p. 63) “é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e em outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte”.

Paul Claval (2005, p. 67) nos diz ainda que, “a escrita faz o tempo e o espaço triunfarem”.

A invenção de códigos gráficos para traduzir a linguagem traz um progresso decisivo e uma mudança importante na eficácia e na riqueza das culturas. A preservação das experiências do passado não depende apenas da memória dos indivíduos: ela é assegurada pelas inscrições gravadas na pedra ou nas tábuas de argila, os signos traçados em suportes de madeira, pergaminhos, papiros, e mais tarde papel. (CLAVAL, 2005, p. 67).

Como partes constituintes da memória há os acontecimentos, os personagens e algo fundamental: os lugares, pois não há memória “não-espacial”, já que tais lugares estão inseridos dentro de determinado espaço.

Por se tratar de uma memória de um lugar, é preciso trabalhar a recuperação da História do e no lugar em questão. Neste ponto surgem algumas questões vinculadas à memória e nossa principal fonte documental, tais como a maneira pela qual a imprensa retratava a cidade de Ourinhos e quantos periódicos exerciam este trabalho.

Um jornal que circulava no mesmo período da fundação de *A Voz do Povo* é *A Cidade de Ourinhos*. Contudo, não há nenhum exemplar preservado, fazendo de *A Voz do Povo* a única fonte escrita daquele período. Levando em conta que as condições de preservação nas quais se encontram os originais não são muito boas, extrair tais informações seria, também, uma forma de assegurar a preservação de tal conteúdo.

Não se pode esquecer de que a memória coletiva não é somente uma conquista, mas sim, um objeto de poder. Assim sendo, ao analisá-la, deve-se atentar nos pequenos detalhes, tudo o que foi ou não dito.

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma

das preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p. 422).

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo recompor memórias a partir das fontes impressas (exclusivamente do jornal *A Voz do Povo*) e organizá-las para serem alocadas e difundidas de forma sistematizada pelo banco de dados do Centro de Documentação e Memória da Unesp de Ourinhos. O trabalho consistiu na dedicação à leitura de exemplares do jornal *A Voz do Povo*

(entre os anos de 1927 e 1932), fazendo fichamentos e levantando informações que são relevantes para compreender o contexto histórico geral e cotidiano da cidade de Ourinhos, a fim de compreender a sociedade ourinhense do período.

METODOLOGIA

Caracterização do periódico

A Voz do Povo foi um jornal local da cidade de Ourinhos que esteve em circulação entre os anos de 1927 e 1953, contudo, dentro do Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos existem apenas exemplares publicados entre 1927 e 1951.



Figura 1. Jornal A Voz do Povo.

Fonte: <http://curtaourinhos.blogspot.com.br/>

Para a instrumentalização das edições d'*A Voz do Povo* como fonte de pesquisa para futuros pesquisadores, elaborei fichamentos nos quais são apresentadas as informações de maior destaque de cada edição. Tais fichamentos possuem informações que vão desde eventos políticos, programação do cinema e resultados dos jogos de futebol a fatos cotidianos da sociedade ourinhense. Por se tratar de um semanário local, *A Voz do Povo* possuiu uma estrutura muito simples por alguns anos, não sendo composto por colunas, mas por artigos de diversos colaboradores.

Houve certa dificuldade durante o manuseio dos exemplares d'*A Voz do Povo*, visto que se encontram em estado avançado de deterioração, sendo necessário utilizar luvas e máscaras e cuidado extremado ao folhear suas páginas. O museu de Ourinhos, porém, não possui técnicos capacitados para a restauração e conservação desses documentos ou verba disponível para pagar por este serviço. Assim sendo, ressalta-se a importância dos fichamentos, visando à perpetuação do conteúdo que priorizou o levantamento de informações, procurando abranger os mais diversos fatos da vida cotidiana ourinhense, tais como: programação do cinema, resultados de jogos de futebol, queixas sobre a política local e estrutura da cidade, discursos sobre a moral e costumes – corriqueiros nos exemplares de 1930 e 1932 –, propagandas, colunas médicas etc.

DESENVOLVIMENTO

Na primeira fase do periódico nota-se que não há linearidade na estrutura, havendo mudanças constantes nos anos de 1927 a 1930. Em seus primeiros exemplares, *A Voz do Povo* possuía como manchete poesias, o que se manteve por poucas edições. Em seguida, elas foram transferidas para a segunda página, até que no ano de 1931 foi criada uma sessão chamada “Página Litteraria”, na qual os leitores mandavam suas obras que, se publicadas, eram avaliadas e comentadas pelo redator. Em 1932, entretanto, esta coluna tornou-se obsoleta, modificando novamente a estrutura do jornal.

Nota-se que as poesias existentes em *A Voz do Povo* em geral falavam sobre o amor e suas intempéries, podendo ser usadas para fazer “chacota” de situações e atitudes consideradas “fora do comum”, como podemos averiguar no trecho da poesia “Melindrosa”

C’o rosto pintado, tal qual um palhaço,
Andar requebrado, cabellinho sura,
As pernas amostra, justiça lhe faço
É o vivo retrato d’uma saracura [...]. (LEAL, 1927, p. 1).

Todavia, o amor idealizado, com juízos de valor e moral conservadores, seus males e lirismo nas poesias era o que predominava nos textos, como visto nos seguintes trechos:

Idealizo o hymeneu das almas superiores,
Quando elle se realiza além, por entre os astros,
Na apothéose da pompa e dos lindos fulgores
Do grande amor, que imprime o valor de seus rastros [...].
(VIOLETA ODETTE, 1927, p. 1).

[...] A minha historia em pouco é relatada:
Um sorriso, um olhar, um beijo e... a dor.
Que saudade me veio disfarçada.
Foi somente um instante aquelle amor!...
Mas a saudade delle que perdura,
Vale bem minha desventura [...]. (ANDY, 1931a, p. 5).

[...] Cérebro e coração, constantemente,
Numa lucta incessante pela vida,
Se degladiam a fogo e a ferro quente,
Atrás de uma ventura não colhida.

Coração... ursus que galhardamente
Vence Cróton, de fama imperecida,
Enquanto o povo ri gostosamente
Da VICTORIA, ao princípio, inda descrida [...]. (ANDY, 1931b, p. 2).

Destaca-se o fato de que por vezes as poesias foram colocadas como manchetes, obtendo o maior destaque na edição. Como *A Voz do Povo* neste primeiro quinquênio era composta por artigos de diversos colaboradores, destacar o escrito de alguns deles fazia com que muitos continuassem a escrever para o jornal, como é o caso dos senhores Jorá de Andy, Beleomar e Diadema.

Em 1927 *A Voz do Povo* possuía como redator Fonseca Telles que se mudou de Ourinhos no mesmo ano, dando seu lugar a Joaquim de Azevedo, que permaneceu até 1932. Durante o período analisado, a propriedade do jornal era de M. Gonçalves. Sua organização interna mudou diversas vezes, denotando a não-linearidade dos colaboradores e malabarismos do redator para conseguir completar o espaço, seja aumentando o tamanho das letras ou organizando os artigos de uma forma diferente.

A chamada “Página Litteraria” surgiu no início de 1931, e nela se encontravam todas as poesias e textos narrativos, geralmente na segunda página, porém, ao

final do mesmo ano deixou de ser usada e os textos de tais gêneros começaram a ficar dispersos por entre as demais páginas. Havia também no mesmo ano a “Columna Médica” do Dr. Pimentel que, assim como a outra, foi publicada durante pouco tempo.

Chrysantheme – Ourinhos: Todos os dias após as refeições maiores sente-se numa cadeira preguiçosa ou divan ponha sobre o estômago uma bolsa com água quente, conservando-a durante uma hora. **Suzi** – Salto: Esfregue limão nas axilas uma ou duas vezes ao dia, após o banho. (PIMENTEL, 1931, p. 4).

Foi observado que durante o ano de 1931 houve uma maior organização do jornal, mas em 1932 tudo foi mudado novamente.

Quanto às notícias sobre a cidade, em geral, há certo apelo a valores maniqueístas que deixavam um tipo de ensinamento moral em suspenso.

Ourinhos, cidade do trabalho e do progresso por excellencia, vêm de algum tempo a esta parte, sendo invadida pela onda do jogo do bicho, cujos males que traz a sociedade, são patentes à todos. Lamentamos sinceramente ter que registrar nesta columna tão vergonhosa occorrendia. (JOGO..., 1931, p. 6).

Não é à frente de um ‘*bizeatê*’ que a mulher adquire beleza e graça, collorindo aqui a ‘*baton*’, ali a ‘*rouge*’ e acolá a ‘*crayon*’. As filhas de Eva fazem-se lindas, encantadoras, inspiram graça e elegância, imitando hábitos distintos e delicados, apreendendo conselhos ponderados e de bom senso, presidiindo seus actos com a nobreza e dignidade. A mulher deve ser altiva, resoluto, modesta e carinhosa. São qualidades que se conquistam com esforço e boa vontade, na leitura boa vontade, na leitura boa e instructivas e de linguagem sã, na selecção cuidadosa do convívio pessoal, na escolha acertada das reuniões sociaes. (NEVES, 1931, p. 2).

Outra característica é a ênfase nos detalhes em pormenores que enriquecem a narrativa, o que a tornava dramática e chamava a atenção do leitor. Seguem dois exemplos:

No dia seguinte ao carnaval, isto é, no dia de Cinzas, deu-se em lamentável desastre na balsa da Fazenda de Laranjal de que resultaram victimar o casal Delphino Esperança e Diva Esperança, trabalhadores da alludida fazenda. O naufrágio deu-se da seguinte forma: o casal sahia da fazenda a Cavallo com destino a Chavantes. Chegados as margens do Paranapanema tiveram que tomar a balsa. O balseiro, por

descuido, esqueceu antes de largar de largar as cordas, tirar a água que enchia as canoas. Estavam no meio do rio mais ou menos, quando a balsa ladeou de um lado e depois de outro afundando inteiramente e lançando na água balseiro, cavallos e cavalleiros. Os cavallos sahiram a nado; o balseiro, náutico pratico, lutou para ver si conseguia salvar os viajantes, mas vendo-se em perigo, desistiu ganhando logo a canoa que o salvou: quanto ao casal Delphino-Diva, desapareceram abraçados nas águas entre gritos e desesperos. Apesar das pesquisas feitas e dos incessantes esforços levados a effeito, não foram ainda encontrados os cadáveres do desditoso casal. (GRAVE..., 1932, p. 4).

No bairro do Carreirão, sito a poucos kilometros desta cidade, deu-se esta semana uma tragedia lamentável por um lado, e quão criminosa por outro. Innocencio Rodrigues, munido de uma espingarda de fogo central e carregada de chumbo grosso, fora a casa de seu mano João Rodrigues, batendo à porta, no que este ao abri-la sem ter proferido uma só palavra, recebeu em pleno peito a carga de chumbo da arma fatricida. Lamentável tragédia porque morrera ainda um moço, um homem trabalhador, que era quase o arrimo da velha mãe que ficara sem consolação chorando por duas dores, por ver um filho no cemitério e outro na cadeia. Crime espantoso porque não houve a menor vacillidade para a sua pratica, porquanto praticado maneira simplesmente horrorosa com que se consumara o delicto. Prossegue o inquérito na Policia. (ASSASSINATO, 1932, p. 4).

Mais uma função do jornal era servir de mediador entre pessoas, como em casos em que os sujeitos anunciavam até mesmo a procura de pretendentes para matrimônio:

Senhor viúvo, respeitável, com 35 annos de idade, deseja casar-se com uma senhorita ou senhora viúva, cuja idade esteja entre 20 e 35 annos. O pretendente pede as que quizerem candidatar a tal casamento, enviarem suas photographias ou escreverem ao <Senhor Viúvo>, aos cuidados da redacção d’ A Voz do Povo. (CASAMENTO, 1931, p. 6).

Fatos cotidianos possuíam grande impacto, sobretudo quando envolviam nomes de pessoas externas à cidade, o que servia para agregar notoriedade a ela que, ainda com poucas décadas de existência, aspirava ao progresso e à fama:

De regresso do Paraná, passaram por esta cidade, no dia 1º do corrente às 24 horas, S. S. A.A. os príncipes ingleses.

Havia muita gente na Estação Sorocabana local, que em alguns minutos poderiam cumprimentar S. S. A. A. R.R. Que façam feliz viagem pelo nosso Brasil afora, são nossos mais elevados desejos. (PRÍNCIPE..., 1931, p. 2).

Outro ponto importante a ressaltar é a participação ativa de alguns colaboradores, como o professor Constantino A. Molina, diretor do Externato Ruy Barbosa, que publicava com regularidade suas crônicas, cuja temática em geral era a crítica às condições da cidade de Ourinhos com relação à política, urbanização, organização ou discorrendo sobre a moral e educação.

Ourinhos, o centro de maior expansão comercial desta rica zona, cidade fadada e ser muito breve a capital do sertão, está se desenvolvendo de maneira estupenda e rápida. Esta cidade está fazendo a sua *toilette*. Os velhos casarões de taboas estão sendo demolidos para darem lugar aos grandes e modernos armazéns, aos bonitos *bungalows* e residências chics. O espírito do povo ourinhense é o mesmo do super-homem bandeirante, orgulho de São Paulo, realizador por excellencia, acostumado aos empreendimentos de vulto; em summa, é o homem do dynamismo cyclopico, que não se afasta até mesmo deante do impossível. Assim é que, attendendo à ordem emanada da Delegacia regional de Saúde de Avaré, diversos commerciantes desta praça estão reconstruindo seus prédios, obedecendo aos requisitos de hygiene. (A HYGIENE..., 1931, p. 1).

O intercâmbio commercial de Ourinhos com o norte paranaense é bastante considerável, mormente por via da estrada de rodagem. Por ocasião do movimento revolucionário de 1930, foi destruída a ponte sobre o rio Paranapanema, que dista 6 kilometros desta cidade. É de urgente necessidade a reconstrução da nossa ponte, pois que dia a dia se torna mais intenso o movimento de automóveis, caminhões e carroças entre este grande centro commercial e as prósperas cidades do alto Paraná. Mister se faz que nosso prefeito municipal insista junto ao governo paulista no sentido de ser breve sanada esta lacuna. É de capital importância para o Estado, máxime para Ourinhos, a reconstrução dessa ponte. (A PONTE, 1931, p. 1).

O mundo evoluiu na successão dos tempos, mas a humanidade sempre mostrou-se hostil para com os scientistas. Estes heróis, descobridores dos mysterios da natureza e das forças occultas foram considerados como illusionistas e dementes. Elles foram sacrificaram a fortuna, a saúde e até a própria vida para colher como galardão de suas investigações a

calúnia, o ultraje, o abandono. A historia registra nas suas gloriosas paginas uma lista interminável de sábios que acabaram sua vida na escuridão e na miséria germinando sobre suas cinzas o triumpho da immortalidade passando seu nome esquecido a figurar na lista dos homens celebres e illustres que honram nosso pantheon. (MOLINA, 1931, p. 1).

Nos fragmentos observam-se as aspirações ao progresso, ao desenvolvimento e à riqueza aliadas ao orgulho pela terra, denotados nas comparações do espírito do homem ourinhense ao “super-homem bandeirante”, e no “dynamismo cyclopico” que não teme o impossível para realizar suas ambições. Ressalta-se que a cidade de Ourinhos, emancipada em 1918, encontrava-se nesse momento histórico em rápida expansão, sobretudo após a implantação de outra estrada de ferro em 1922. Era um momento de efervescência política e econômica que fazia brotar no ideário popular esperanças e sonhos.

RESULTADOS

Os fichamentos feitos em um trabalho anterior² d’*A Voz do Povo*, único periódico que restou da época, contabilizaram 67 exemplares registrados, além das poesias compiladas, com um total de 39 – como muitas foram manchetes das edições, houve a necessidade de salvá-las.

A Voz do Povo é de suma importância para elucidar vários aspectos do contexto histórico e da sociedade ourinhense desconhecido de muitos, sendo que a nossa batalha diária é tal como um desafio mitológico, pois para provocar um encontro entre Mnemôsine e a sociedade é preciso nos envolver em uma grande teia com fins de resgatar o passado e torná-lo familiar à dinâmica da geração atual. É criar uma ponte conectando dois momentos que recontam um mesmo local, é lidar com expectativas não pertencentes apenas a nós com o intuito de construir um retrato que abranja diversos momentos e vivências.

REFERÊNCIAS

A HYGIENE em Ourinhos. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 6 dez. 1931.

² Relatório resultado da Bolsa FAPESP feito em duas partes, entregue em 2011 e 2012.

- A PONTE. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 29 nov. 1931.
- ANDY, J. Consolação. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 11 jan. 1931a.
- _____. Cérebro e coração. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 22 mar. 1931b.
- ASSASSINATO. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 18 jan. 1931.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAMARGO, A. M. A. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: PAULA, E. S. SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 5., 1971, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FFLCH, 1971.
- CAPELATO, M. H. R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- CASAMENTO. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 27 set. 1931.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2005.
- CURTA OURINHOS [blog na Internet]. Ourinhos, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2pHJdqf>>. Acesso em: 12 jun. 2015.
- CONTIER, A. D. **Imprensa e ideologia em São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- FREYRE, G. M. **Um engenheiro francês no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.
- _____. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.
- GRAVE desastre. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 14 fev. 1932.
- HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Felix Alcan, 1925.
- JOGO do bicho. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 6 set. 1931.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- LEAL, J. M. A melindrosa. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 20 mar. 1927.
- LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.
- MOLINA, C. Sciencia burlada. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 28 jun. 1931.
- NEVES, O. C. A mulher deve ser bella. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 6 dez. 1931.
- PIMENTEL. Columna medica. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 11 out. 1931.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- PRÍNCIPE de Galles. **A Voz do Povo**, Ourinhos, 5 abr. 1931.
- SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- VIOLETA ODETTE. Supremo Asylo. **A Voz do Povo**, 6 fev. 1927.
- VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.